

A CIÊNCIA À PROCURA DE DEUS

Ecologia e Espiritualidade

VITOR COELHO

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Vitor Coelho
TÍTULO: A ciência à procura de Deus – Ecologia e espiritualidade
AUTOR: Vitor Coelho

PAGINAÇÃO: Samuel Coelho
CAPA: Samuel Coelho
www.sodakraft.com

1.ª EDIÇÃO
LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-20-2058-7
DEPÓSITO LEGAL: 313598/10

© Vitor Coelho

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO
Sítio do Livro, Lda.
Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa
www.sitiodolivro.pt

Dedico este meu livro à minha mulher Ana
e aos meus filhos Tiago, Samuel e Pedro, pois
sem o seu apoio, ele jamais teria sido possível.

*'A bondade deve estar ligada ao saber.
A simples bondade pouco adianta;
é o que tenho constatado.'*

Mahatma Gandhi

A CIÊNCIA À PROCURA DE DEUS

Ecologia e Espiritualidade

Prólogo

A Terra está doente...

Estou de férias e hoje acordo bem cedinho para ver o Sol nascer. Mas ele pregou-me uma partida. Acordou primeiro.

Barragem do Cabril. Rio Zêzere. Um dos mais límpidos de Portugal. Desloco-me ao Moinho das Freiras. A água corre abundante. Parece verde. É o verde das árvores reflectido no seu olhar.

Vou tomar banho. Aproximo-me da outra margem e eis que um cheiro nauseabundo me entra pelo peito dentro. Tento abeirar-me. Um esgoto a céu aberto cai sobre as plantas verdes que bordejam a margem junto à antiga ponte romana. E o que ele encerra só tem uma palavra: crime. E ainda outra: horror. Horror de tantos excrementos diluídos em pouca água, à mistura com tripas, peles e sangue. Um verdadeiro crime ecológico.

Olho para o alto. Já sei. Só pode vir dali. E eis que um matadouro se eleva lá longe, bem no alto, meio disfarçado entre as árvores... Sem medo, sem segredos, sem tratamento, sem vergonha.

A vida da água límpida do Zêzere encontra aqui a sua morte. E onde antes se pescava livremente a boga e o achegã, restam hoje cheiros nauseabundos e podridão onde mosquitos, loucos de calor, se degladiam por sugar a sua presa.

A Terra está doente. Nas suas veias corre um sangue contaminado de toxinas e o seu ventre inchado tenta vomitar, a contragosto, restos de uma digestão putrefracta e mal sucedida.

O nosso '*habitat planetário*', nossa pátria e matéria comum, sofre... Hoje, talvez nunca como dantes, este super-organismo vivo, Gaia, sofre de uma doença grave, que resulta da alteração do equilíbrio de relações entre todos os que nela habitam: o homem, os animais, as plantas, os minerais.

No entanto, a doença pode não ser mortal, mas apenas mais uma das graves crises (crónicas?), entre tantas outras, que Gaia já sofreu no passado. E crise, do sentido originário sânscrito - *kir* ou *kri*-, depois grego

crinein, significa joeirar, peneirar, purificar, limpar e depurar. Daqui vem crisol (cadinho que purifica o ouro) e acrisolar (purificar, submetendo a provas). As crises podem, pois, ser purificadoras, depuradoras, momentos naturogénicos de uma evolução cada vez mais complexa, descontínua e multifacetada de Gaia.

Cabe a cada homem-mulher, ‘*a Terra que sente, pensa e ama, mas também cuida, chora e venera*’, diagnosticar a gravidade da doença, e co-descobrir uma terapia adequada. Cuidar da Terra é, pois, co-ajudá-la a ultrapassar mais esta crise, e dar, em conjunto com os outros seres que nela habitam e com o menor sofrimento possível, mais um salto qualitativo, no já longo processo de evolução, cada vez mais complexificante, interiorizante e consciente, quem sabe, em direcção ao infinito.

Se não for o ser humano a desempenhar esta tarefa única e singular na existência, ninguém mais o poderá fazer. Pois como dizia L. Feuerbach: “*o pensamento é uma actividade imediata, na medida em que é autoactividade. Ninguém pode pensar em meu lugar; é por mim mesmo que eu me convenço da verdade de um pensamento*”¹.

A crise é generalizada. De um lado os países ricos do norte, à procura de um modelo mais justo de sociedade, de progresso e desenvolvimento. Esgotado o socialismo real e a esgotar-se o capitalismo da modernidade; a braços com o terrorismo global e com as sucessivas crises financeiras e económicas a gerarem um desemprego generalizado, os seres humanos procuram uma via reformista e pós-humanista mais adequada, que lhes permita sobreviver.

Envolvidos por conflitos sociais, outros naturais e até étnicos, ameaçados pela crise ambiental, filha de um *modelo de desenvolvimento e de sociedade ‘não sustentável’* e pouco respeitador da diversidade das espécies, os actuais sistemas de desenvolvimento interrogam-se.

1. *Manifestes Philosophiques*, ed. Press Universitaires de France (PUF), Paris, 1973, 21

A braços com uma injusta repartição social dos recursos, agravada pela crise dos valores e pela indiferença espiritual, responsáveis pelos efeitos reais da desflorestação das regiões tropicais, da poluição generalizada, das ‘marés negras’, do buraco na camada de ozono, do efeito de estufa e dos acidentes nucleares, as políticas estruturais tremem.

Por outro lado, os pobres (empobrecidos?) do sul, ameaçados pela fome e pela miséria, pelo vírus da sida e outras doenças mortais, e pela falta de acesso ao ‘*minimum*’ da dignidade humana, são um grito constante, que fere os ouvidos do norte rico (?), e lhe causa remorsos e insónias.

Salvar a Terra...que terapias?

É na Cimeira de Estocolmo em 1972 que as Nações Unidas se começam a preocupar seriamente sobre o estado da Terra e do Ambiente, aprovando uma Declaração sobre o Ambiente Humano bem como um Plano de Acção de 109 recomendações.

Foi criado então na ONU o ‘*Programa das Nações Unidas para o Ambiente*’, de modo a dar execução ao Plano de Acção.

A ‘*Cimeira da Terra*’, no Rio de Janeiro em Junho de 1992 (Rio-92), embora com resultados um pouco frustrantes, reconheceu oficialmente a existência de um crise ecoógica a nível planetário. O Relatório Brundtland, preparatório do Rio-92, intitulado ‘*O nosso Futuro Comum*’ de 1987, fala pela primeira vez em ‘*desenvolvimento sustentável*’. A Cimeira do Rio-92 aprova uma Declaração política de princípios, duas convenções internacionais e a chamada ‘*Agenda 21*’, um plano de acção para o séc. XXI com cerca de 2500 recomendações.

A Cimeira de Joanesburgo em 2002 sobre ‘*Ambiente e Desenvolvimento Sustentável*’, fruto do contexto internacional, debruça-se mais sobre o desenvolvimento no processo de globalização, do que propriamente sobre o Ambiente.

A recente Cimeira de Copenhaga/2009 revela a força dos movimentos ecologistas, que entretanto se multiplicaram, mas também a fragilidade

dos políticos, incapazes de arriscar um compromisso à escala global. Torna-se então urgente reforçar o Protocolo de Quioto e o Acordo de Copenhaga e dar um passo de gigante na resolução dos problemas ambientais globais, que entretanto se agravaram numa crise à escala mundial e já ameaça países de serem submersos pelas águas.

Perante tal crise, por todos reconhecida, alguns propõem uma solução moderada e reformista, enquadrada no paradigma antropocêntrico da modernidade, de cariz mais humanista.

É o caso de Luc Ferry (1992), com a sua proposta de ‘*ecologia democrática*’, que, afastando qualquer bio ou ecocentrismo, reafirma a ideia de que o homem é um ser ‘*antinatura*’. Pela sua afirmação cultural e moral face à natureza, alheia a toda a moralidade e submetida aos fins humanos, o ser humano nega-lhe qualquer valor intrínseco. Deste modo, para ele, “*o ecologista democrata... sentiria dificuldade em passar sem os benefícios da ciência moderna...*” e, por isso mesmo “*o homem pode e deve **modificar** a natureza, como pode e deve **protegê-la***” (1993, 31,187).

Outros, como Michel Serres (1990), no contexto da chamada ‘*deep ecology*’, cujo um dos fundadores foi A. Naess (1989), defendem o ecocentrismo numa perspectiva holística e até espiritualizante, atribuindo à natureza, enquanto ‘*sujeito de direitos*’, um valor intrínseco.

M. L. Pelizzoli (1999, 33-45), entre outros, numa apreciação bem conseguida, compara todas estas propostas contemporâneas de solução da actual crise e opta pela necessidade urgente de uma ‘*educação ambiental*’, que permita ir superando, pouco a pouco, as dificuldades ecológicas da modernidade e modelando uma nova atitude ambiental mais sustentável.

Muitos outros optam por soluções utilitaristas, biocentristas, ecocentristas, às quais correspondem sempre projectos éticos consequentes.

Outros, como Leonardo Boff (2000, 23), a partir do ponto de vista cristão do hemisfério sul, vêm, nesta crise, o final e o ‘*canto do cisne*’ da modernidade. Disfarçada e oculta na expressão ‘*pós-modernidade*’, esta

crise não passa do *'auge do consumismo individualista'*, sem humanismo, sem compromisso ético, sem criatividade e sem espiritualidade, levando às últimas consequências a lógica linear da razão instrumental-analítica da modernidade, aplicada à produção material e à satisfação das necessidades exteriores do homem.

Assiste-se pois hoje à fragmentação dos valores, à *'carnavalização'* do sagrado, à estetização do racional e à ironização das utopias. Tudo deve ser pura sensação e emoção. Para esta pós-modernidade tão tolerante, não existe verdade objectiva nenhuma. Tudo tem o mesmo valor e interesse. Nietzsche, e não Kant ou Marx, parece ser o modelo de pensamento e de compromisso ético desta pós-modernidade.

Esta pós-modernidade, eurocentrista ou americanocentrista, disfarçada sob a capa do combate ao terrorismo mundial parece, pois, e hoje mais do que nunca, insensível a qualquer solução justa do fosso cavado entre o Norte e o Sul.

A terapia...uma mudança de paradigma?

Alguns (como A. Touraine, 1994), no entanto, falam já da pós-modernidade como fuga e ruptura com a modernidade e não apenas como sua expressão final, acentuando a diferença e a superação de todo o dualismo moderno (bom-mau, subjectivo-objectivo, espiritual-material, razão-emoção, natureza-cultura, ser humano-mundo, feminino-masculino, Deus-mundo...), e de todo o centrismo (antropocentrismo, logocentrismo, eurocentrismo...).

Valorizam assim a alteridade e a diferença, a singularidade e a complementariedade, a tolerância e a pluralidade das racionalidades e dos seres, contra toda a atomização dos saberes científicos ou das perspectivas ontológicas.

Nesta perspectiva se coloca também L.Boff, quando fala da necessidade

e da emergência de um novo paradigma: a construção da comunidade planetária.

*“Em que tempo estamos? Não estamos mais no tempo de ontem, nem totalmente no tempo de hoje. Estamos no entretempo: o antigo não acabou de morrer e o novo não acabou de nascer. Por falta de um nome fala-se de **pós-modernidade**. Talvez estejamos no curso de uma mutação qualitativa de civilização”* (2000, 18)... *Temos que entrar num processo de mudança de paradigma. Essa mudança precisa ser dialéctica, vale dizer, assumir tudo o que é assimilável e benéfico do paradigma da modernidade e inseri-lo dentro de outro diferente, mais globalizante e benfazejo. Será novo? Em termos absolutos não... Em termos relativos sim”*. (1994, 26-27).

A pós-modernidade apresenta-se assim, como um pau de dois bicos: uma expressão da crise da cultura da modernidade (o seu lado negativo) e uma esperança, como resgate da subjectividade adormecida, em ordem a uma alteração paradigmática (o seu lado positivo).

Através da recuperação de uma ética mundial e de uma espiritualidade pessoal e cósmica, a pós-modernidade pode alargar-se ao universal, numa cosmovisão aberta e numa visão integradora, em que o sujeito colectivo seja a humanidade como um todo: uma humanidade unificada, solidária e planetária, que articule o pessoal e o social, o local e o global.

A esperança...um olhar positivo

Não vamos, pois, ser alarmistas nem pessimistas. Apesar da herança dos pais da modernidade, G. Galilei, R. Descartes, F. Bacon, I. Newton e outros, que diziam que o homem é *“maître et possesseur de la nature”*² e que *“saber é poder”*, sobre a natureza e por isso *“devemos fazê-la nossa escrava, torturá-la, até que ela nos entregue todos os segredos”*, acreditamos que Gaia, como Super-organismo auto-regulador, como sistema aberto de

2. R. Descartes, *Discours de la méthode*, vol.VI, Paris, ed. Seuil, 1965, 60

“*inter-retro-relações*”, no qual o homem se inclui, possui a capacidade de ultrapassar as suas próprias crises, retomando sucessivamente o seu equilíbrio vital no processo planetário e cosmogénico da evolução.

Mais, acredito que todas as crises são sempre momentos de passagem e oportunidades de auto-gestação dos equilíbrios-desequilíbrios da evolução, cada vez mais complexos. Elas fazem parte de uma evolução cíclica, que surge da passagem de sucessivos caos generativos, a cosmos degenerativos, que a própria mãe-Terra inventa, no seu processo contínuo de auto-reciclagem.

Estamos talvez hoje a passar por um destes momentos de caos e de crise, reconhecidos pela Terra que pensa e sente (o homem-mulher).

Um só parece ser o diagnóstico: a crise é grave. Há que fazer alguma coisa, antes que ela se torne crónica. Várias são as terapias: umas mais reformistas dentro do paradigma antropocêntrico e tecnocêntrico vigente, outras mais radicais e profundas, que prescrevem a necessidade da emergência de um novo paradigma ecocêntrico e cosmocêntrico nascente. Qualquer delas apresenta as suas ‘*nuances*’ mais ambientalistas ou conservacionistas, mais éticas ou antropológicas, mais espirituais ou mais sociais, mais estéticas ou mais racionais, mais integrais ou locais, mais atomísticas ou mais holísticas (Pelizzoli, 2003).

Qualquer solução ecológica terá de ser hoje, necessariamente integral e holista. Não poderia ser de outro modo. **A ciência não pode mais estar separada, longe ou ao lado da espiritualidade, da arte, da Ética, da Filosofia, de Deus, de qualquer procura do saber ou do sentir.**

É preciso indagar hoje, mais do que nunca, o seu ponto de encontro. Não podemos escamotear mais esta questão. No percurso de I. Newton e de I. Kant, também hoje, físicos atómicos, filósofos e cientistas como P. Stannard, P. Davies, I. Prigogine, F. Capra, T. Berry, D. Bohm, A. Einstein, C. Jung, P. Weil, H. Reeves, D. Zohar, L. Boff, A. Damásio e tantos, tantos outros, citados neste trabalho, acreditamos que isso é possível.

A crise é uma crise global: crise do modelo capitalista da modernidade com os seus tentáculos da concorrência, individualismo, lucro maximizado, mundialização da economia e da cultura dominante, com a exclusão de 2/3 da humanidade dos benefícios do progresso. Crise energética, crise da modernização, crise do socialismo real e do neo e do ecocapitalismo, enfim, crise do tipo de civilização da modernidade.

A Ciência à procura de Deus?

É urgente **colocar hoje, mais do que nunca, a ciência à procura do Espírito e de Deus**. Sem medos nem preconceitos. Esconjurar, de uma vez por todas, as ameaças à morte e à ilusão de Deus, daqueles que um dia ousaram desafiar o Além.

A arte, a filosofia, a ética e sobretudo a ecologia, podem ser hoje as mediadoras de uma procura científica do divino. E tal como crianças na primeira infância, livre e espontaneamente, tentar balbuciar algo daquele Mistério espiritual, por vezes oculto, por vezes desvelado, que se encontra no mais profundo do ser humano e fora dele - **o Transcendente**.

Será que já podemos falar hoje, como arriscam alguns cientistas espirituais, de uma ‘*Área de Deus*’ no Cérebro? De uma partícula física e energética de Deus? Haverá provas científicas da existência de um Quociente Emocional Espiritual (QEs), para além do clássico Quociente de Inteligência (QI) e do Quociente de Inteligência Emocional (QIE)? Será possível ao ser humano utilizar e melhorar hoje o seu Quociente Emocional Espiritual (QEs), contribuindo assim para desbravar e vivenciar experiências de valor e de sentido global que melhorem a sua qualidade de vida, isto é, tornar-se um ‘*Ser Espiritualmente Inteligente numa Cultura Espiritualmente Estúpida*’? (D. Zohar, 2004, 305)

Nesta óptica, analisarei algumas das razões da actual crise ecológica, e suas perspectivas terapêuticas de solução. Quer uma, quer outras, estão dependentes do conceito que apresento de ‘*Natureza*’, um conceito sempre

velho e sempre novo, sempre fechado e sempre aberto, pois sempre posto em questão.

A ecologia e as novas ciências trazem hoje um contributo fundamental a uma nova noção de espiritualidade e este é o objectivo principal que a minha reflexão vai tentar desbravar. E porque o fundamento de toda a *'terapia'* que proponho, passa por um compromisso ético, sempre assente numa nova espiritualidade motivada por uma nova estética e uma nova mística, abordarei também o conceito de *'Deus'* (sempre em aberto para a ciência e para a filosofia), que subjaz a toda a minha reflexão.

Percorrerei o caminho que conduz o ser humano, de uma *'Estética da Natureza'* para uma *'Espiritualidade do Cosmos'*. Farei uma **apreciação**, não só da interligação entre ecologia e espiritualidade com outras correntes ecológicas e espirituais, mas também da crise ecológica, social e ético-espiritual do mundo contemporâneo.

Assim possa você, leitor, sentir na leitura deste texto, a mesma *'agradabilidade'* e satisfação que eu senti ao redigi-lo.

O autor